

SUSAN SONTAG

# Diários

(1947-63)

*Organização e prefácio*

David Rieff

*Tradução*

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Espólio de Susan Sontag  
Copyright do prefácio © 2008 by David Rieff  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Reborn

*Foto de capa*

Fred W. McDarrah/ Getty Images

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Veridiana Maenaka

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sontag, Susan, 1933-2004.

Diários : (1947-63) / Susan Sontag ; organização e prefácio  
David Rieff ; tradução Rubens Figueiredo. — São Paulo : Com-  
panhia das Letras, 2009.

Título original : Reborn  
ISBN 978-85-359-1507-5

1. Escritores americanos - Século 20 - Diários 2. Mulheres e lite-  
ratura - Estados Unidos - História - Século 20 3. Sontag, Susan,  
1933-2004 - Anotações, rascunhos etc. 4. Sontag, Susan, 1933-  
2004 - Diários I. Rieff, David. II. Título.

---

09-06427

CDD-818.5409

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritoras norte-americanas : Diários

818.5409

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

*Prefácio de David Rieff, 7*

Diários, 15

## Prefácio

Sempre achei que uma das coisas mais tolas que os vivos dizem a respeito dos mortos é a expressão “fulano teria desejado que fosse assim”. No máximo é palpite; na maioria das vezes, é húbriis, por melhor que seja a intenção. A gente não tem como saber. Assim, o que quer que se possa dizer sobre a publicação de *Diários (1947-63)*, o primeiro volume do que será um dia uma coletânea dos diários de Susan Sontag em três volumes, não é este o livro que ela teria feito — e isso supõe, em primeiro lugar, que ela teria resolvido publicar estes diários. Em vez disso, a decisão de publicar e a seleção foram apenas minhas. Mesmo quando não existe a questão da censura, os perigos literários e os riscos morais de tal empreitada são evidentes. *Caveat lector*.

Não é uma decisão que eu quis tomar. Mas minha mãe morreu sem deixar instruções sobre o que fazer com seus papéis e seus escritos inacabados ou não organizados. Isso pode parecer destoante para uma pessoa tão zelosa com a sua obra, que trabalhava arduamente nas traduções, mesmo para idiomas que conhecia apenas por alto, e que tinha opiniões abalizadas e firmes sobre edi-

tores e revistas do mundo inteiro. Porém, a despeito da letalidade da síndrome mielodisplásica, o câncer no sangue que a matou em 28 de dezembro de 2004, até poucas semanas antes da sua morte ela continuava a acreditar que ia sobreviver. Assim, em vez de falar sobre como queria que os outros cuidassem da sua obra quando já não estivesse mais presente para cuidar por si mesma — como provavelmente teria feito alguém mais conformado com a morte —, ela falava de modo enfático em voltar ao trabalho e de tudo o que escreveria assim que saísse do hospital.

No que me diz respeito, minha mãe tinha um direito absoluto de morrer como quisesse. Não devia nada à posteridade, muito menos a mim, enquanto lutava para viver. Mas é óbvio que existem consequências involuntárias da sua decisão — a mais importante aqui é que coube a mim decidir como publicar os escritos que ela deixou. No caso dos seus ensaios, publicados em *Ao mesmo tempo* dois anos após sua morte, as escolhas foram relativamente fáceis. A despeito do fato de que minha mãe por certo os teria revisado de forma substancial antes de sua republicação, os ensaios já haviam sido publicados, ou lidos em palestras, enquanto ela era viva. Suas intenções estavam claras.

Estes diários são um caso em tudo distinto. Foram escritos só para ela mesma continuamente desde o início da adolescência até os seus últimos anos de vida, quando seu prazer com o computador e com os e-mails parece ter posto um freio no interesse em manter um diário. Ela nunca permitiu que nenhuma linha deles fosse publicada, tampouco; ao contrário de alguns autores de diários, os lia para os amigos, embora os mais íntimos soubessem da existência dos diários e do seu costume de, após completar um caderno, colocá-lo com os precedentes no amplo closet do seu quarto, perto dos outros pertences queridos, mas essencialmente particulares, como fotos de família e recordações da infância.

Na época em que adoeceu pela última vez, na primavera de

2004, havia cerca de cem cadernos desse tipo. E outros apareceram, quando sua assistente, Anne Jump, e seu amigo mais íntimo, Paolo Dilonardo, e eu começamos a separar seus objetos pessoais um ano depois de sua morte. Eu não tinha a mais vaga ideia do que havia neles. A única conversa que tive com minha mãe sobre esses cadernos foi quando ela adoeceu pela primeira vez e ainda não havia reavivado sua crença de que sobreviveria à leucemia, como sobrevivera aos dois cânceres anteriores de que tinha padecido. E foi apenas uma frase dita num sussurro: “Você sabe onde estão os diários”. Nada disse sobre o que queria que eu fizesse com eles.

Não posso garantir, mas tendo a crer que, se ficasse a meu critério, eu teria esperado um bom tempo antes de publicar os diários, ou talvez nunca os publicasse. Houve até ocasiões em que pensei em queimá-los. Mas foi pura fantasia. A realidade, em todo caso, é que os diários concretos não pertencem a mim. Enquanto ainda estava bem, minha mãe vendeu seus papéis para a Universidade da Califórnia na biblioteca de Los Angeles, e o acordo rezava que iriam para lá após sua morte, com seus papéis e seus livros, como aconteceu. E como o contrato assinado por minha mãe não restringia o acesso em nenhum sentido importante, logo tive a impressão de que a decisão já havia sido tomada por mim. Se eu não os organizasse e apresentasse, outra pessoa o faria. Pareceu melhor ir em frente.

Meu receio permanece. Dizer que estes diários são autorreveladores é uma atenuação drástica. Preferi incluir uma boa quantidade de juízos muito severos de minha mãe. Ela era uma grande “juíza”. Mas expor essa sua faculdade — e estes diários estão repletos de revelações — é, inevitavelmente, convidar o leitor a *juulgá-la*. Um dos principais dilemas em tudo isso foi que, pelo menos nos últimos anos de vida, minha mãe não foi de maneira alguma uma pessoa que expusesse a si mesma. Em especial, evitava o mais possível, sem negá-la, qualquer discussão a respeito da sua homosse-

xualidade ou qualquer admissão da sua ambição pessoal. Assim, seguramente, minha decisão viola a privacidade dela. Não há outra maneira de expressar isso com justiça.

Em contraste, estes diários se fundamentam na sua descoberta, quando adolescente, da sua própria natureza sexual, das primeiras experiências quando era uma caloura de dezesseis anos na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e nos dois relacionamentos importantes que teve no início da vida adulta — primeiro com Harriet Sohmers Zwerling, que conheceu naquele mesmo ano na Universidade da Califórnia e com quem, mais tarde, iria morar em Paris, em 1957; e depois com a dramaturga Maria Irene Fornes, que conhecera naquele mesmo ano em Paris (Fornes e Zwerling já tinham sido amantes), em Nova York entre 1959 e 1963, depois que minha mãe voltou para os Estados Unidos, divorciou-se do meu pai e se mudou para Manhattan.

Depois que resolvi publicar seus diários, nem passou pela minha cabeça excluir qualquer material, fosse com base na ideia de que iluminaria certo ângulo de minha mãe, ou sua franqueza sexual, ou sua descortesia com alguém que figure nos diários, embora eu tenha preferido omitir os nomes verdadeiros ou alguns indivíduos particulares. Ao contrário, meu critério de seleção foi parcialmente determinado pela ideia de que o mais convincente nos diários eram a crueza e o retrato sem verniz que estes documentos apresentam de Susan Sontag quando jovem, a qual conscientemente e de forma decidida se empenhou em criar a pessoa que ela queria ser. É por essa razão que escolhi *Renascida* como título deste volume,\* aproveitando uma expressão que aparece na capa de um dos primeiros cadernos; parece resumir o que aconteceu com minha mãe da infância em diante.

Nenhum escritor americano da sua geração foi mais ligado a

\* O título original em inglês é *Reborn*. (N. E.)

gostos europeus do que minha mãe. É impossível imaginá-la dizendo que tinha “Tucson inteira” ou “Sherman Oaks, Califórnia, inteira” para contar, como John Updike, que, referindo-se ao seu início de carreira como escritor, disse que tinha para contar toda a sua cidade natal, Shilington, na Pensilvânia. Mais impossível ainda é imaginar minha mãe voltando à infância ou a seu contexto social e étnico em busca de inspiração, como muitos escritores judeus americanos da sua geração fizeram. A sua história — de novo, a pertinência do título *Renascida* me parece reforçada — é exatamente o contrário. De muitas formas, é o mesmo que acontece com Lucien de Rubempré — o jovem ambicioso que vem das províncias remotas e quer se tornar uma pessoa importante na capital.

Claro, minha mãe nada tinha de Rubempré em nenhum outro aspecto de caráter, temperamento ou projeto. Não queria garantir favores. Ao contrário, acreditava na sua estrela. Desde o início da adolescência teve a sensação de possuir dons especiais e de ter uma contribuição a dar. O desejo ferrenho e incansável de expandir e aprofundar constantemente sua formação — um projeto que ocupa muito espaço nos diários e que tentei incluir na mesma proporção nesta seleção — era de certo modo a materialização dessa ideia de si mesma. Ela queria ser digna dos escritores, pintores e músicos que reverenciava. Era nesse sentido que a *mot d'ordre* de Isaac Bâbel, “Você tem de conhecer tudo”, podia muito bem ser a de Susan Sontag.

Isso é exatamente o contrário da maneira como pensamos hoje. Uma crença em si mesmo é uma constante na consciência daqueles que venceram no mundo, mas a forma dessa autoconfiança é determinada culturalmente e varia muito de uma época para outra. Minha mãe, eu acho, era uma consciência do século XIX, e a concentração na sua própria pessoa, mostrada nestes diários, tem algo do tom daqueles grandes “realizadores” — Carlyle me vem à mente. E isso está muito longe do registro em que a ambi-



ção se exprime no início do século XXI. Um leitor em busca de ironia não encontrará nada. Minha mãe estava profundamente consciente disso. No seu ensaio sobre Elias Canetti, que, com seu texto sobre Walter Benjamin, sempre considerei o mais próximo de uma investida no campo da autobiografia que minha mãe chegou a escrever, ela citou com aprovação a meditação de Canetti: “Tento imaginar alguém dizendo para Shakespeare: ‘Relaxe!’”.

Então mais uma vez, *caveat lector*. Este é um diário no qual a arte é vista como uma questão de vida ou morte, no qual a ironia é tida como um vício, não uma virtude, e no qual a seriedade é o maior dos bens. Minha mãe já exibia tais traços desde cedo. E nunca precisou de gente que tentasse fazê-la relaxar. Ela lembrava que seu padrasto generoso e herói de guerra convencional havia pedido que não lesse tanto, senão nunca ia arranjar um marido. Uma variante mais culta e segura de si é o comentário do filósofo Stuart Hampshire, seu orientador em Oxford, sobre quem ela me contou certa vez que havia exclamado, com frustração, durante uma aula particular: “Ah, vocês, americanos! São tão sérios... iguais aos alemães”. Ele não falou isso como um elogio; mas minha mãe o usava como uma condecoração honrosa.

Tudo isso pode fazer o leitor pensar que minha mãe era uma “europeia natural”, no sentido de Isaiah Berlin, de que existiam europeus que eram americanos “naturais” e americanos que eram europeus “naturais”. Mas não creio que isso esteja correto no caso da minha mãe. É verdade que, para ela, a literatura americana era um subúrbio das grandes literaturas da Europa — sobretudo a literatura alemã — e contudo, provavelmente, seu pressuposto mais profundo era de que ela poderia recriar-se, que todos nós podemos nos recriar, e que a formação podia ser descartada ou transcendida quase ao sabor de nossa vontade, ou melhor, se a pessoa tivesse a vontade. E o que é isso senão a personificação da observação de Fitzgerald de que “na vida dos americanos não existe segundo

ato”? Como eu disse, em seu leito de morte, que ela jamais acreditou inteiramente que seria seu leito de morte, ela planejava o primeiro ato seguinte que iria viver depois que o tratamento lhe tivesse trazido mais algum tempo de vida.

Nisso, minha mãe foi notavelmente coerente. Uma das coisas que mais me impressionaram ao ler seus diários foi a sensação de que, da juventude até a velhice, minha mãe travava as mesmas batalhas, contra o mundo e contra si mesma. Seu sentimento de dominar as artes, sua sufocante confiança na justeza dos próprios julgamentos, sua extraordinária avidez — a noção de que tinha de ouvir todas as obras musicais, ver todas as obras de arte, ser uma entendida em todas as grandes obras da literatura — estão presentes desde o início, quando ela faz listas de livros que quer ler e depois vai riscando os títulos à medida que lê os livros. Mas também sua sensação de fracasso, de inaptidão para o amor e até para o erros. Sentia-se constrangida com o próprio corpo, ao mesmo tempo que se sentia serena em relação à própria mente.

Isso me deixa mais triste do que sou capaz de exprimir. Quando minha mãe era muito jovem, fez uma viagem à Grécia. Lá, viu uma apresentação de *Medeia* num anfiteatro no sul do Peloponeso. A experiência a emocionou profundamente porque, quando Medeia está prestes a matar seus filhos, várias pessoas na plateia começaram a gritar: “Não, não faça isso, Medeia!”. “Aqueles pessoas não tinham a menor ideia de que estavam assistindo a uma obra de arte”, ela me disse muitas vezes. “Tudo era real.”

Estes diários também são reais. E ao lê-los sinto, com força, a aflição de reagir da mesma forma que aqueles espectadores gregos, em meados da década de 1950. Quero gritar: “Não faça isso”, ou então “Não seja tão severa consigo mesma”, ou “Não tenha uma ideia tão elevada de si mesma”, ou “Cuidado com ela, ela não gosta de você”. Mas é claro que cheguei tarde demais: a peça já foi ence-

nada e o seu protagonista já partiu, assim como a maioria dos outros personagens, se bem que nem todos.

O que permanece é dor e pretensão. Estes diários oscilam entre as duas coisas. Será que minha mãe desejaria publicá-los? De novo, há razões práticas por trás da minha decisão não só de permitir sua publicação como de editá-los eu mesmo, embora haja neles certas coisas que sejam uma fonte de dor para mim, e muitas outras que eu preferia não saber, nem que os outros soubessem.

O que sei é que, como leitora e escritora, minha mãe adorava diários e cartas — quanto mais íntimos melhor. Assim, talvez a escritora Susan Sontag tivesse aprovado aquilo que fiz. De qualquer modo, espero que sim.

David Rieff

DIÁRIOS

# 1947

23/1/47

eu acredito:

- a) que não existe nenhum deus pessoal nem vida após a morte;
- b) que a coisa mais desejável do mundo é a liberdade de ser verdadeiro para si mesmo, ou seja, Honestidade;
- c) que a única diferença entre os seres humanos é a inteligência;
- d) que o único critério para uma ação é a felicidade ou a infelicidade individual que em última instância ela produz;
- e) que é errado privar qualquer homem da vida [*faltam as entradas "f" e "g"*];
- h) acredito, além disso, que um Estado ideal (além do que está em "g") deveria ser um Estado forte e centralizado, com o controle governamental dos serviços públicos, bancos, minas, + transporte e subsídios às artes, um salário mínimo confortável, apoio aos incapacitados e idosos. Atendimento público para mulheres grávidas, sem distinção de filhos legítimos e ilegítimos.

# 1948

13/4/48

As ideias perturbam a regularidade da vida.

29/7/48

...E o que é ser jovem durante anos e de repente despertar para a angústia, a premência da vida?

É ser alcançado, um dia, pelas reverberações daqueles que não acompanham, escapar da selva aos trambolhões e cair num abismo.

É, então, ser cego aos erros dos rebeldes, ter ânsias dolorosas, completas, depois de todos os opostos da existência da infância. É o ímpeto, o entusiasmo frenético, imediatamente submerso numa enxurrada de autodepreciação. É a consciência cruel da própria presunção...

É a humilhação com cada lapso verbal, noites insones consumidas ensaiando a conversa do dia seguinte, e torturando a si mesma por causa da conversa do dia anterior... uma cabeça abaixada entre as próprias mãos... é “meu deus, meu deus”... (em minúscula, é claro, pois não existe deus nenhum).

É a retração do sentimento pela própria família e por todos os ídolos da infância... É mentir... e o ressentimento, e depois o ódio...

É o surgimento do ceticismo, um exame profundo de cada pensamento, palavra e ação. (“Ah, ser perfeita e completamente sincera!”) É um questionamento amargo e implacável dos motivos...

É descobrir que o catalisador, o [*A entrada se interrompe neste ponto.*]

19/8/48

Aquilo que, um dia, parecia um peso esmagador mudou claramente de posição, numa tática surpreendente, deslizou embaixo do meu pé fugidio, transformou-se numa força de sucção que me arrasta e me cansa. Como eu desejo me render! Como seria fácil convencer-me de que a vida de meus pais é digna de elogios! Se durante um ano eu só visse a eles e seus amigos, eu renunciaria — me renderia? Será que a minha “inteligência” precisa de um rejuvenescimento frequente nas fontes da insatisfação dos *outros* e sem isso morreria? Tomara que eu consiga cumprir esses votos! Pois posso sentir que estou escorregando, oscilando — em certos momentos, até aceito a ideia de ficar em casa para ir à faculdade.

A única coisa em que consigo pensar é na mamãe, como ela é bonita, que pele lisa ela tem, como me ama. Como ficou abalada quando chorou numa noite dessas — ela não queria que papai, que estava no outro quarto, ouvisse, e o barulho de cada onda de lágrimas sufocada era igual a um soluço gigantesco —, como as pessoas são covardes para se envolver, ou melhor, para se deixar passivamente envolver, por convenção, em relacionamentos estéreis — que vida podre, sombria, infeliz levam elas...

Como posso magoá-la mais ainda, arrasada como ela já está, por não resistir *nunca*?

Como posso me socorrer, me tornar cruel?

1º/9/48

O que significa a expressão “de pileque”?

Montanha de pedras atiradas.

Ler a tradução de [Stephen] Spender de *As elegias de Duíno* [de Rilke] o mais breve possível.

Estou mergulhando em Gide outra vez — que clareza e precisão! Sem dúvida, isso vem do próprio homem, que é incomparável — toda a sua ficção parece insignificante, ao passo que *A montanha mágica* [de Thomas Mann] é um livro para toda a vida.

Isto eu sei! *A montanha mágica* é o melhor romance que já li. A doçura da renovada e incessante familiaridade com essa obra e o



prazer sereno e meditativo que sinto são incomparáveis. Contudo, pelo mero impacto emocional, por uma sensação de prazer *físico*, uma consciência do instante rápido, das vidas rapidamente desperdiçadas — pressa, pressa —, pelo conhecimento da vida — não, isso não — por um conhecimento da vitalidade — eu escolheria *Jean Christophe* [de Romain Rolland]. — Mas tinha de ser lido uma vez só.

...“Quando eu estiver morto, espero que digam: ‘Os seus pecados foram graves, mas seus livros foram lidos.’” — Hilaire Belloc

Mergulhei em Gide a tarde inteira e ouvi [o maestro Fritz] Busch (festival Glyndebourne, numa gravação de *Don Giovanni* [de Mozart]. Diversas árias (que doçura de partir o coração!), eu repeti várias vezes (“*Mi tradi quel’alma ingrata*” e “*Fuggi, crudele, fuggi*”). Se eu pudesse ouvi-las sempre, como eu seria determinada e serena!

Desperdicei a noite toda com Nat [*Nathan Sontag, padrasto de SS*]. Me deu uma aula de direção e depois saí com ele e fingi gostar de um filme apelativo, em Technicolor.

Depois de escrever essa última frase, leio outra vez e penso em apagá-la. Porém, seria melhor deixar assim mesmo. — É inútil para mim registrar somente as partes agradáveis da minha existência — (Afinal, são tão poucas!) Vou anotar todo o estúpido desperdício de hoje, para que eu não seja complacente e transigente comigo mesma amanhã.

2/9/48

Discussão e lágrimas com Mildred [*mãe de Sontag, Mildred Sontag, cujo nome de solteira era Jacobson*] (dane-se!). Ela disse: “Você deveria estar bastante contente por eu ter casado com o Nat. Você nunca iria para Chicago, pode ter certeza disso! Nem consigo dizer como estou triste por causa disso, mas sinto que tenho de compensar você por isso”.

Talvez eu devesse estar contente mesmo!!!

10/9/48

[*Escrito e datado na capa interna do exemplar de SS do segundo volume dos Diários de André Gide*]

Terminei de ler este livro às duas e meia da madrugada do mesmo dia em que o comprei...

Devia ter lido muito mais devagar e tenho de reler muitas vezes — Gide e eu alcançamos uma comunhão intelectual tão perfeita que chego a sentir as dores de parto próprias de cada pensamento que ele dá à luz! Assim, eu não penso: “Como isto é maravilhosamente lúcido!” — mas sim: “Pare! Não consigo pensar tão depressa assim! Ou melhor, não consigo crescer tão depressa assim!”.

Pois eu não estou apenas lendo este livro, mas o criando eu mesma, e essa experiência única e enorme purgou minha mente de

boa parte da confusão e da esterilidade que a entupiram durante estes meses horríveis...

19/12/48

Há tantos livros, peças e contos que tenho de ler — eis aqui apenas alguns:

*Os moedeiros falsos* — Gide  
*O imoralista* —            " "  
*Os subterrâneos do Vaticano* — "  
*Corydon* — Gide

*Tar* — Sherwood Anderson  
*The island within* — Ludwig Lewisohn  
*Santuário* — William Faulkner  
*Esther Waters* — George Moore  
*Diário de um escritor* — Dostoiévski  
*Às avessas* — Huysmans  
*O discípulo* — Paul Bourget  
*Sanin* — Mikhail Artsibáchev  
*Johnny vai à guerra* — Dalton Trumbo  
*A crônica dos Forsythe* — Galsworthy  
*O egoísta* — George Meredith  
*Diana of the crossways* — "  
*The ordeal of Richard Feverel* — "

poemas de Dante, Ariosto, Tasso, Tibulo, Heine, Púchkin, Rimbaud, Verlaine, Apollinaire

peças de Synge, O'Neill, Calderón, Shaw, Hellman... [A lista se estende por mais cinco páginas, mais de cem títulos são citados.]

...Poesia tem de ser: exata, intensa, concreta, relevante, rítmica, formal, complexa

...A arte, portanto, está sempre lutando para ser independente da mera inteligência...

...A língua não é só um instrumento, mas um fim em si mesma...

...Por meio da lucidez imensa e precisamente direcionada de sua mente, Gerard Hopkins lavrou em palavras um mundo de imagens arrasadas e exultantes.

Graças a sua lucidez implacável, protegendo-se dos excessos de gordura mediante a rigorosa espiritualização da sua vida e da sua arte, ele ainda por cima criou uma obra, dentro do seu âmbito limitado, de um frescor sem paralelo. Sob o problema angustiado da sua alma...

25/12/48

Estou completamente entretida, neste momento, com uma das obras musicais mais belas que já ouvi — o concerto em si menor para *pianoforte* de Vivaldi, da gravadora Cetra-Soria, com Mario Salerno —

A música é, a uma só vez, a mais maravilhosa e a mais viva de

todas as artes — é a mais abstrata, a mais perfeita, a mais pura — e a mais sensual. Eu ouço com o meu corpo e é o meu corpo que dói em resposta à paixão e ao *páthos* encarnados nessa música. É o “eu” físico que sente uma dor insuportável — e depois uma irritação enfadonha — quando todo o mundo da melodia de repente cintila e desaba em cascata na segunda parte do primeiro movimento — é a carne e o osso que morrem um pouco a cada vez que sou sugada para dentro da nostalgia do segundo movimento —

Estou quase à beira da loucura. Às vezes — penso — (com que cuidado escrevo estas palavras) — há momentos fugidios (ah, que passam tão depressa) em que sei, tão bem como sei que hoje é o Natal, que estou cambaleante à beira de um abismo ilimitado —

O que me leva a esta perturbação?, me pergunto. Como posso fazer o diagnóstico de mim mesma? Tudo o que sinto, do modo mais imediato, é a necessidade mais sofrida de *amor físico* e de companhia mental — sou muito jovem e talvez o aspecto perturbador das minhas ambições sexuais seja superado — *francamente, eu não me importo*. [Na margem, e com data de 31 de maio de 1949, SS acrescenta as palavras: “Nem devia”.] Minha necessidade é tão avassaladora e o tempo, na minha obsessão, é tão curto —

É muito provável que ao lembrar-me disso, um dia, eu ache muita graça. Assim como houve um tempo em que eu era religiosa de um modo neurótico e aterrorizado e achava que um dia seria católica, agora acho que tenho tendências lésbicas (com que relutância escrevo isto) —

Não devo pensar no sistema solar — nas incontáveis galáxias dispersas por incontáveis anos-luz — em espaços infinitos — não devo olhar para o céu por mais do que um momento — não devo

pensar na morte, na eternidade — não devo fazer todas essas coisas, para que eu não conheça esses momentos horríveis em que minha mente parece uma coisa tangível — mais do que a minha mente — todo o meu espírito — tudo aquilo que me anima e que é o desejo original e reativo que constitui o meu “eu” — tudo isso toma uma forma e um tamanho definidos — grande demais para ficar contido na estrutura que chamo de meu corpo — Tudo isso puxa e empurra — anos e ansiedades (agora eu sinto) até que eu consiga cerrar meus punhos — levanto-me — quem consegue ficar parado — todos os músculos estão sob pressão — lutando para se tornar uma imensidão — tenho vontade de gritar — minha barriga se sente comprimida — minhas pernas, meus pés, meus dedos dos pés se esticam até doer.

Chego cada vez mais perto de romper esta pobre casca — agora eu sei — contemplação do infinito — a tensão da minha mente me leva a diluir o horror por meio do oposto da simples sensualidade da abstração. *E sabendo que não possuo a saída, algum demônio, entretanto, me atormenta — me enche de dor e de fúria — de medo e tremor (sou agredida, destruída — sobretudo humilhada —) minha mente dominada por espasmos de desejo incontrolável —*

31/12/48

Li de novo estes cadernos. Como são tristes e monótonos! Será que nunca vou conseguir escapar dessa interminável lamentação de mim mesma? Todo o meu ser parece tenso — na expectativa...